

Anno	88.
Semestre	5.
Trimestre	3.
Folha avulsa	25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

PARA OS SUBSCRITTORES,
Não excedendo de 20 linhas, ..\$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITTORES,
Não excedendo de 10 linhas, ..\$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1.º ANNO

QUINTA-FEIRA 3 DE DEZEMBRO DE 1863.

No. 9

MACAU 2 DE DEZEMBRO



HEGOU-NOS alfim a fausta noticia do nascimento de Sua Alteza o principe real.

É indizível o regosijo que este bom e desejado successo produziu em toda esta bella colonia, porque, como diz um nosso contemporaneo, a successão dos reis liberaes alegra sempre os povos livres; e demais o fructo do feliz enlace da mimosa flor de Saboya com a nobre stirpe bragançina é o mais seguro penhor das liberdades patrias, como o real consorcio de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz com a virtuosa rainha a senhora D. Maria Pia de Saboya fôra a mais importante garantia da felicidade de Portugal.

A nova época, que este sagrado hymeneu marcou para o paiz, torna-se cada vez mais auspiciosa, porque o novo e tão precioso elo da augusta cadeia de Bragança abre as portas do futuro á dynastia reinante, e consolida assim a segurança das bellas instituições nacionaes.

É que o nobre principe recém-nascido é o amado filho dos augustos netos de dois grandes reis, em cuja mente elevada só houve o pensamento da felicidade de dois povos, que se amam mutuamente como verdadeiros irmãos nos sentimentos.

Mal diriam Pedro IV e Carlos Alberto —este lançando os alicerces á liberdade na Italia, aquelle conquistando-a e legando-a aos portuguezes—que, jurada ella e mantida por seus filhos, haviam seus netos de consubstanciar em sancta alliança os destinos das duas patrias!

É o povo portuguez, que teve a ineffavel alegria de ver a realisação desta grandiosa obra, contempla agora venturoso o desejado fructo della. O sr. D. Luiz é o mantenedor da constituição politica, é o Augusto fiador da liberdade, e o seu throno, firmado na triplice alliança da casa de Bragança com a de Saboya e a de França, e tendo, como tem já, o seu real herdeiro, promete um porvir repleto de venturas e prosperidades nacionaes.

O sr. D. Luiz, escolhido pela Providencia para ser o complexo das virtudes civicas e magnanimidade dos reis de Bragança, seus excelsos predecessores, tem já tomado, em tão pouco tempo de reinar, medidas tão rasgadas e energicas, que o povo vê como prenuncio de um desenvolvimento feliz.

Oh! Victoriemos todos El-Rei, e com Elle a virtuosa Rainha, seu prezado filho e toda a familia real! Victoriemos tambem a nobilissima casa de Bragança, que tem dado a Portugal egregios monarchas, cujas qualidades estimaveis, symbolisa o sr. D. Luiz, e hão de ser symbolisadas pelo novo principe real!

Começou esta dynastia por libertar o povo portuguez. É coevo com ella o sol

da liberdade, que havia 60 annos estava eclipsado para este paiz. É coevo com ella esse sol que começou a raiar então, para com o tempo se ir tornando mais vivificante e consolador. E de facto, a liberdade, uma vez implantada em nosso solo, com quanto interrompida uma ou outra occasião, tem contudo progredido sempre até a gosarmos, como a gosamos hoje, em compatibilidade com o nosso grau de civilisação.

Dois seculos e vinte e tres annos são a sua idade; hontem foi o anniversario do seu grande dia natal. Seja-nos dado festejar aqui tambem esse dia de tamanha gloria.

Foi n'um sabbado que a flor da nobreza de Portugal, affoutada e posta em campo pelo grande e benemerito jurisculto João Pinto Ribeiro, operou a magnifica obra da redempção de um povo que jazia escravo, exaltando ao solio portuguez o sr. D. João IV, primeiro rei da dynastia actual.

Alem dos valorosos serviços dos estrenuos conjurados, e dos esforços empregados pela nobre esposa do sr. D. João para que accitasse a corôa, houve mais em duas illustres senhoras portuguezas os rasgos de um tão acrisolado heroismo, que trouxe e levará a admiração a toda a posteridade. Em quanto D. Filippa de Vilhena, nobre condessa de Athouguia, armava seus dois filhos D. Jeronimo de Athaide e D. Francisco Coutinho, e os mandava entrar na justa e sancta revolução, D. Marianna de Lencastre entregava tambem armas a seus filhos, D. Fernão Telles e D. Antonio Telles da Silva, e os exhortava aos combates em defesa da liberdade da patria.

E as duas heroínas abençoaram seus filhos, e tiveram valor para os ver partir assim armados, mas esse valor em breve foi substituido pelo sentimento de mãe, e choraram, e ergueram fervorosas preces ao ceu pelo bom exito daquella empresa, que tinha por timbre a liberdade da patria com a aclamação de um rei portuguez.

E a restauração de Portugal verificouse, e a Providencia abençoou-a, pois diz a historia, e é justo que aqui o reproduzamos, que, quando a bandeira da cidade de Lisboa ia das portas da camara para o paço com um grande prestito, e a cruz archiepiscopal chegava diante da porta do templo de Santo Antonio da Sé, se descerá a mão direita da santa effigie de Christo, que ia pregada na cruz; e o povo em brados clamorosos começára a annunciar por toda a parte que Deus abençoava aquella obra, e a nacionalidade portugueza acabou de despertar do somno que dormia.

Salvé, pois, dia glorioso, em que se assentou no throno do inclito Alfonso e do grande Mestre de Aviz o primeiro rei de Bragança, de quem o amado principe

recém-nascido é hoje o presumptivo herdeiro.

Portanto, é, cheios de jubilo e de prazer, que registamos a nobre alegria, que, pelo nascimento do novo principe, se manifesta por toda a cidade de Macau.

Está proxima a eleição da camara, que ha de funcionar em o novo anno de 1864.

Grande lueta se prepara, segundo ouvimos dizer, e muitos são os candidatos ao cargo de Procurador, que é de certo o mais importante de todos os logares da camara. Suppamol-o tão difficil, que não sabemos decidir-nos por uma escolha definitiva, que tranquillise a nossa consciencia, finda que seja a eleição.

Tambem não cremos que haja quem se julgue conscienciosamente habilitado a desempenhar aquelle cargo. A prova está na guerra que temos visto sempre mover contra qualquer cidadão, que o exerça, e ás pessoas mais circumspectas da terra temos ouvido dizer que só por experiencia irão eleger este, pela mesma razão por que já elegeram aquelle e aquell'outro. D'onde se pôde inferir o quanto a opinião, sobre a escolha para Procurador, anda vacillante na mente de todos os que sinceramente desejam accetiar.

Este vacillar significa bem claramente a necessidade que ha de reformar aquelle impossivel tribunal, para o qual não se encontra individuo possível que o presida. Por tanto, ainda desta vez accusamos as coisas e não os homens, o contrario do que só faremos, quando bem convencidos estivermos de que as faltas vem dos homens e não das coisas: mas então seremos inexoraveis.

Que a Procuratura carece de uma grande reforma, ninguem o duvida, e que esta está sendo urgentemente reclamada pela opinião publica, e que já se não pode addiar, é tambem outra verdade. Como temos plena confiança na intelligencia, boa vontade e decisão de S. Exa. o Governador, não insistiremos nesta materia, porque nos affirmam de que tão breve quanto ser possa a reforma será feita, e a contento geral.

Parece que os outros logares da camara, ou Leal Senado, não serão muito disputados: o que francamente declaramos, se isto assim for, que não comprehendemos, pois parece natural, havendo mais quem possa ir representar o municipio, que a concurrencia fosse maior. Julgamos que a aspiração ao cargo de Procurador é mais nobre, por isso que é mais difficil, e porque ninguem em consciencia se julga habilitado para elle? Outra vez repetimos, que não somos capazes de decifrar o complicado problema.

AINDA bem que ha mais quem, pela imprensa, trate do projecto do sr. Carneiro, para levar a effeito os trabalhos da doca.

Gostamos da discussão, principalmente em assumptos tão importantes como o de que se trata; mas gostaríamos também de vêr menos azedume contra o que escrevemos, que não foi feito com intenção de ferir susceptibilidades, mas unicamente, para despertar os espiritos, lembrando-lhes a conveniência de não abandonarem uma empresa, que reputamos útil a muitos respeitoes, e que cremos que ha de vir a concorrer para a prosperidade desta terra, apesar da opinião do nosso antagonista, quem quer que elle seja.

Concordamos que os negociantes e capitalistas de Macau, antes de concorrerem com os seus capitaes, para esta ou outra qualquer empresa, fazem muito bem em querer conhecer com fundamento, aonde e como os hão-de empregar; o contrario disto seria inqualificavel.

Mas porque temos esta convicção é que a temos também de que o sr. Carneiro opportunamente convocará para um *meeting* a todos os respeitaveis capitalistas, que desejem vêr os seus projectos, e com elle pertendam associar-se.

Cremos mesmo que são essas as suas ideias; e porque esperamos vê-las realisar brevemente, não nos cansaremos em ellogiar o sr. Carneiro, porque um espirito empreendedor merece todo o auxilio, quando elle marche a um fim justo por meios dignos.

Em vista disto, e das favoraveis disposições que transparecem por momentos no artigo intitulado a *Doca do sr. Carneiro*, ousamos esperar que os capitalistas de Macau, quando bem convencidos estejam das rectas intenções do proprietario da doca, serão promptos em o auxiliar com os seus capitaes, para se concluir uma obra, que é a primeira em importancia, e de iniciativa privada.

Consta-nos que o parecer do Engenheiro civil de Hongkong foi muito favoravel, não só em relação aos trabalhos já feitos, mas em relação á excellentee escolha do local.

É, pois, conscios de nossos actos, que affoutamos á empresa o homem empreendedor, e que insistimos em que deve ser auxiliado pelos homens competentes, sendo extensivo esse auxilio a aperfeiçoar a empresa começada, e tirar-lhe mesmo qualquer defeito que lhe notarem, porque é assim que se concorre para o bem geral do paiz, e não com discussões ociosas, e tendentes a deixar só no campo o homem util, que pede o coadjutorio dos seus conterraneos para levar a effeito um melhoramento de tamanho alcance para esta terra.

São importantísimas as noticias recebidas ultimamente do Japão.

O reviramento politico foi para nós surpresa grande, pois não esperavamos ver tão cedo humilhar-se o principe Satsuma.

A causa deste reviramento foi sem duvida alguma o abatimento desta casa feudal; e a maneira voluntaria porque o principe se apresentou a pedir as treguas é que nos surpreendeu. Bem foi que este orgulhoso potentado conhecesse a tempo a sua loucura em querer a todo o transe sustentar as pretenções de uma orgulhosa vaidade, e que viesse ao bom caminho, evitando assim maiores desgraças, e quiçá a total ruina de tão bello paiz.

Passaram-se as coisas do seguinte modo, que irêmos descrevendo pela mesma forma porque as sabemos das mais fidedignas fontes noticiosas.

Depois da conferencia entre o Goro-gio, e os ministros hollandez e americano, a que já nos referimos, e sobre que fisemos as nossas considerações, foram convidados. para o mesmo fim a subir a Yeddo, os ministros inglez e francez, os quaes se recusaram a aceitar a entrevista.

Dias depois apresentaram-se ao ministro inglez, por ordem do governo do Taicun, enviados de Satsuma, para conferenciar. Sendo accitees e tendo tres entrevistas, resultou dellas, pagar o principe Satsuma ao governo inglez uma indemnisação de 25,000 lbs. ster., affiançando no futuro a maior amizade aos estrangeiros e respeito pelas estipulações dos tratados. A indemnisação foi accetada e paga no dia 19 deste mez.

Este passo, e os que em seguida deu o governo do Taicun, mostram que desapareceu a pressão e influencia que exercia no estado aquella casa poderosa.

Os ministros dos negocios estrangeiros do Japão dirigirão despachos aos representantes estrangeiros, pedindo a entrega d'uma carta que em junho lhes enviara Ogasawra, então membro do Goro-gio, exigindo o fecharem-se os portos abertos ao commercio, fundando este pedido no facto de serem outras hoje as vistas do governo, e a sua politica differente.

Alguns governadores incluindo os de Kanagawa e Nagasaki, foram mudados, substituindo-os outros que não pertencem á jerarchia dos *Kamis* o que é d'algum modo expressivo, havendo razões para crer, pelo que se espalha entre os indigenas, que diminuiu muito o prestigio da nobresa, vencendo na situação a facção popular.

É tambem só d'este modo que se pode explicar a mudança que o governo japonéz fizera d'uma nova bandeira para os navios nacionaes.—A adoptada é branca, como a antiga, mas em lugar de ter como esta no centro uma rodela vermelha, tem agora um traço, largo e negro.

Terá esta nova bandeira o pensamento de symbolisar a situação? Não o sabemos. Misterio é este que só o futuro poderá talvez ajudar a decifrar. Apon-támos o facto, e não lhe podêmos por emquanto dar uma significação má, porque sabemos que o préto não tem entre este póvo a mesma significação que entre nós.

Certo é que o principal indicio da mudança de situação ser toda favoravel aos estrangeiros, é a confiança da parte dos negociantes nativos para com o seu governo.

Os mercados abastecem-se, as lojas abrem-se, as manufacturas europeas tem extracção, em resumo o commercio anima-se, vendo diante de si um extenso horizonte de felicidade, e o futuro do paiz só promete tranquillidade, amizade e paz.

A maneira bizarra porque os representantes estrangeiros, em geral, se apresentaram na crise porque acaba de se passar, os estragos que os canhões ingleses fizeram no territorio do Satsuma, o modo ameaçador por que se apresenta a França, deixaram vêr ao governo do Japão, por bom prisma, o futuro que os ameaçava, e assim concluíram bem, e oxalá Deos os conserve neste estado, de

que precisavam vir aos bons termos com as nações alliadas, para evitar maiores desgraças.

Concluindo dirêmos que se effectivamente a influencia do Satsuma desapareceu da politica do japão, e se esta casa poderosa e soberba já não exerce ascendente sobre o Taicun e seu governo, não nos resta a mais pequena duvida de que serão respeitados os tratados no Japão e se manterá boa amizade nas relações estrangeiras.

A indemnisação paga pelo principe, a sua vinda a este resultado por seu motuo proprio, a boa harmonia que se affirma ter-se estabelecido entre o Taicun e o Mikado, a retirada do cartel de desafio de Ogasawra a todas as nações, e finalmente a abertura de Osaca em que já se passa, leva-nos a crêr que effectivamente o partido conservador perdeu a sua influencia nos negocios publicos.

NOTICIAS DIVERSAS.

Preparativos de festas.—Projectam-se grandes festejos na colonia, tanto officias como de particulares, em solemnisção do fausto nascimento do Principe Real. Serão quatro, a começar de 3 de janeiro, os dias de grande gala destinados a estas manifestação de regosijos.

Emigração chinesa.—O *Echo do povo* publica um extenso artigo, intitulado o *Quo (?) defendendo a emigração*, em que desmente a seu modo uma curta noticia que demos em 19 do mez passado.

Ora não sabemos se o *Echo do povo* terá podido colligir da maneira laconica e suave por que temos repellido o seu teimoso entremettimento commosco, o proposito firme em que nos achámos de não entrar commigo em polemias, enquanto escrever no tom, na linguagem e com os sentimentos que actualmente usa. Temos para nós que nos não entendeu a ideia e que, se a entendesse, no-la teria agradecido, pois que muito é ella para nos valer gratidoes.

Dar-lhe-hemos por tanto hoje mais claramente um conselho que poderia ter achado implicito nas brevissimas respostas que lhe hemos dirigido. O conselho é—que seja digno e verdadeiro, porque a dignidade e a verdade constituem um predicado, mais indispensavel ainda do que os rudimentos da grammatica, a todo o homem que, forçando mais ou menos a sua vocação, se destina a ser jornalista.

O que diz da emigração de Macau é tanto mais singularmente falso quanta é grande a facilidade de qualquer se convencer do contrario. Que gloria ou que proveito ganharia o *sereno* hespanhol que gritasse n'uma enruilhada que a terra estava tremendo, se os moradores acordados conheciam em sua caza que tal não havia?

Era forçoso fallarmos do artigo porque elle aponta factos, e alguém poderá haver que, distante e pouco informado do assumpto, não tenha dados para conhecer que taes factos são um romance tristemente inspirado pela esteril e vergonhosa maledicencia que, á face d'estrangeiros, se apraz em desheredar cousas nossas. Responder, porém, é impossivel. Se acreditassemos na boa fé de quem escreve, contentar-nos-hiamos com dizer-lhe: *venha ver*; mas nem sequer se admitta a hypothese, por que não teima no erro quem não viu e não sabe.

A ser verdadeira uma linhua, uma palavra, do que ali se diz, ou uma colonia inteira dormia, e com ella as auctoridades, a quem mais cumpre estar alerta; ou a moralidade esparvorada se tinha ido refugiar toda no escriptorio de um jornal.

O que affirma da emigração para Demerara faz rir a quem, possuindo documentos, não pretênde contudo azedar a questão. Só desejámos que o *Echo do povo* publique nas suas columnas um dos contractos que se offerecem em Cantão aos emigrantes, e que nos diga o motivo por que em Demerara existe mais justiça e boa fé do que no Perú ou na colonia hespanhola de Cuba. Quizeramos tambem que nos descobrisse o modo como, não se empregando corretores em Cantão, os emigrantes rejeitados em Macau, são ali admittidos e embarcados, como lhe podêmos provar, entrando n'este numero grande quantidade de creanças sem familia, vindas de oeste.

Não está menos na altura do artigo a historia dos "15 a 25 mil emigrados, homens e mulheres, que vão de Portugal anualmente para Demerara, *aquelles para se darem aos trabalhos agricolas, estas para a prostituição*."—e escreve isto um jornal que se diz portuguez!! Só quem quer ignora que, em 1854, algumas centenas de homens, se tantos eram, partiram dos Açores para Demerara, levados por

